

EM BUSCA DE TRAJETORIAS E NARRATIVAS PARA-EPIDÊMICAS SOBRE HIV E AIDS NO RN

FERNANDO JOAQUIM DA SILVA JUNIOR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – PPGAS/UFRN

Resumo

Pretendo traçar neste trabalho um mapeamento sobre a literatura acadêmica e produções culturais realizadas no Rio Grande do Norte no que concerne ao HIV e AIDS, a partir de discussões contidas até o momento e sobre os significados atribuídos nesse contexto. Através da análise de produções realizadas nas redes sociais e de uma Audiência Pública na Assembleia Legislativa como o tema “Reivindicações e demandas de pessoas vivendo com HIV e AIDS” buscou-se compreender como os movimentos sociais se articulam com as produções realizadas no âmbito acadêmico-científico e quais as semânticas mobilizadas.

Palavras-chave: Mobilização Social, Biopoder, Corpo, Sexualidades, HIV e AIDS.

Introdução

Pesquisas sobre diversas doenças mobilizaram esforços e solidariedade transnacionais no sentido de melhores respostas ao adoecimento/cura, mas nenhuma causou tamanho debate, engajamento, investimentos e reorganizações institucionais quanto o vírus causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS. Algumas verdades sobre a infecção surgiram, outras permaneceram com novos rearranjos, outras verdades se tornaram sussurros da história.

Os estudos biomédicos ganharam forte incentivo social no intuito da busca de tratamentos para a infecção, melhores formas de cuidado com o corpo e mapeamento de grupos que estariam “vulneráveis” ao acometimento da infecção. Desde o século XIX, o controle da verdade sobre o corpo e o uso dos prazeres dos ocidentais se amparou nas ciências médicas, como Foucault bem nos apresenta (FOUCAULT, 2000). A dois séculos de diferença, a biomedicina se tornou uma fonte impactante de poder e continua rearticulando verdades amparadas em experimentos, escolhas metodológicas, institucionais, diagnósticas e morais acerca dos que acessam os serviços de saúde.

Faz-se primordial buscar compreender a produção das redes de sentido sobre o HIV e AIDS no contexto do Sistema de Saúde para além do nacional/global e também compreender não apenas estudos em prol de respostas para a epidemia, mas também acolhendo ao debate as pessoas que vivem com o vírus: suas emoções, seus anseios, seus projetos de vida, suas reivindicações tanto sociais quanto dentro da dimensão da saúde: tratamento contextualizado, medicamentos, acolhimento e dignidade ao acessarem os aparelhos institucionais.

Tomo como ponto de partida na elaboração desta investigação minha pesquisa de mestrado em Antropologia da Saúde (em andamento), que tem como interfaces a busca das memórias,

histórias de vida, biossocialidades e reconhecimento entre os profissionais de saúde e as pessoas que acessam os serviços no contexto do HIV e AIDS, englobando as pessoas já diagnosticadas como soropositivas e as que buscam a sorotestagem. Inicialmente estou traçando cartografias, fazendo um mapeamento sobre a literatura acadêmica e produções dos movimentos realizados no Rio Grande do Norte no que concerne ao tema, buscando também realizar um balanço das discussões contidas até o momento e sobre os significados atribuídos a contágio neste local, mais especificamente na cidade de Natal.

Por via de pesquisa de campo feita através da análise de produções realizadas nas redes sociais e de uma Audiência Pública na Assembleia Legislativa do RN como o tema “Reivindicações e demandas de pessoas vivendo com HIV e AIDS”, tento me inserir e compreender como os movimentos sociais se articulam com as produções realizadas no âmbito acadêmico-científico e quais as semânticas que estão sendo mobilizadas.

Nesta apresentação, quero destacar a importância de se realizar um trabalho exploratório sobre as produções locais acerca do HIV e AIDS, buscando rearranjar novos caminhos analíticos, tendo em conta também o contexto local, não anulando, por conseguinte, as ressonâncias do contexto nacional, da América Latina e Internacional. Em suma e noutras palavras, um levantamento destas produções acadêmicas, também de manifestações discursivas dos movimentos sociais no Rio Grande do Norte e os percursos sobre a temática no contexto ao qual pretendo realizar minha experiência etnográfica.

Metodologia

É vital destacar que este trabalho se estabelece no sentido de uma pesquisa exploratória e que é feita de modo a dar abertura ao campo de possibilidades. Arriscando numa etnografia de pesquisa multi-situada proposta por George Marcus (1995), atento as negociações, disputas de significado e rede de circulação e fluxos de sentido.

Fiz um levantamento no banco de teses e dissertações da UFRN¹, no site chamado BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações². Além disso, busquei na plataforma do Google Acadêmico, por “HIV + Natal-RN” e “HIV + AIDS + Natal + RN” e pelo *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), que foi outra ferramenta empregada.

Realizei pesquisa de campo a partir de duas dimensões, das quais a primeira sendo a participação como ouvinte numa Audiência Pública na Assembleia Legislativa Rio Grande do Norte

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

² Acesso em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/11883>>

que tinha como pauta “Reivindicações e demandas de pessoas vivendo com HIV e AIDS”, tentando me localizar entre os assuntos discutidos e as principais demandas levantadas pelos movimentos sociais do Estado. Registros foram feitos em caderno de campo e solicitei a cópia da gravação realizada pela TV Assembleia. Posteriormente, adentrei nos ciberespaços com o intuito de analisar produções/interações realizadas nas redes sociais (páginas do *Facebook* e blogs) em publicações, comentários, compartilhamento de notícias, imagens e vídeos realizados por seus participantes.

Discussão

Os estudos etnográficos no campo da saúde brasileira (em forma de monografias, dissertações e teses) são ricos em sua quantidade e variedade, debruçando-se nos ambientes médicos e também sobre os diversos grupos sociais que têm acesso aos mecanismos de cura e prevenção de doenças, pensando na pluralidade desses estudos na relação entre as produções nacionais e em contexto global (Langdon et al, 2012).

Com o movimento da saúde coletiva, antropólogos preocupados com as relações entre a biomedicina e as práticas locais de saúde procuraram desenvolver paradigmas alternativos à abordagem biológica e quantitativa dominante na saúde pública e em pesquisas epidemiológicas (LANGDON, 2014, p. 1025).

[...] Também ressaltam o caráter dinâmico e processual das práticas ligadas ao cuidado da saúde, bem como as ações de articulação entre diferentes conhecimentos e saberes, com o intuito de descrever e analisar as particularidades, as interações, as negociações e os conflitos existentes nos processos sociais (LANGDON, 2014, p. 1026).

Pesquisas nas mais diversas áreas da ciência sobre o HIV e AIDS urgem em necessidade na década de 80, no Brasil, com a ampliação governamental sobre o combate a doença e principalmente devido ao protagonismo social. Criou-se no país grande esperança no avanço das políticas públicas voltadas à prevenção ante ao vírus HIV. Essas políticas surgiram principalmente em detrimento dos diversos movimentos de afirmação sexual e de ONGs que se articulavam em prol de respostas governamentais na contenção do contágio (via campanhas e distribuição de preservativos), tratamento e medicalização das pessoas soropositivas. Ou seja, a promoção do direito afirmativo LGBT se fortaleceria no âmbito do direito à saúde e à vida, como apresentado por João Biehl em *Will to Live* (RODRIGUES, 2010).

Pesquisas etnográficas que visam à compreensão das concepções locais no contexto da HIV e AIDS é um ponto de partida para o desenvolvimento de outros roteiros que segue para além das demandas biomédicas. No Rio Grande do Norte, não encontrei nenhum trabalho que propunha etnografia acerca da temática, apenas duas pesquisas que dentro de suas discussões agregavam a dimensão do HIV e AIDS e que foram sagazes em suas perspectivas (VÉRAS, 2010; PINHEIRO,

2016). Dois trabalhos que se debruçam nas experiências de pessoas em conexão com políticas públicas de saúde: tratamentos, aconselhamentos e sentidos da prevenção.

Em sua grande proporção, cerca de 10 dissertações e teses (no Depositório da UFRN) se concentravam em pesquisas quantitativas, de caráter sóciodemográfico, de perfis epidemiológicos e outras de cunho estritamente biomédico. Algumas também ligadas à área de Serviço Social, com propostas quali-quantitativas e que se aproximavam de discussões interessantes acerca dos serviços de saúde. Também destaco a pesquisa publicada por Edilma Costa e Raimunda Germano (da área de enfermagem) sobre a percepção dos policiais militares do sexo masculino quanto as DST's, pensando relações de poder e exercício da sexualidade numa perspectiva foucaultiana (COSTA & GERMANO, 2004).

Resultados

No dia 6 de junho de 2016, em Natal-RN, realizou-se uma audiência pública tratando da assistência à saúde das pessoas vivendo com HIV sugerida pela RNP + RN₃ e acatada pelo então Deputado Estadual Fernando Mineiro, realizada no auditório da Assembleia Legislativa do Estado. Constavam no auditório por volta de quarenta pessoas, contando com os que compunham a mesa para a discussão acerca das demandas referidas.

Tentando nos situar espacial e historicamente no contexto nacional e local, Esdras Gurgel, militante do movimento e PVHIV₄ a mais de 20 anos, imprime com maior impacto o atual desafio a ser enfrentado por organizações, intuições e grupos sociais atualmente: o acesso universal do tratamento das pessoas que são diagnosticadas com HIV, no tocante aos retrovirais, exames laboratoriais e de média e alta complexidade. A burocratização dos serviços é vista por ele como ameaça real ao bem-estar, a continuação do tratamento e dignidade humana. Justapondo, encontramos com grande frequência em redes sociais denúncias de baixo estoque de medicações não apenas no Giselda Trigueiro (hospital de referência), também em outras regiões do país. Em caso ainda mais consternador, as pessoas vivendo com HIV do RN se esbarram na ausência de alguns dos que compunham o “coquetel”, como observado através da denúncia publicada em rede social na página “Loka do Efavirenz”:

Mesmo sendo o maior interessado na garantia do tratamento, não podemos esquecer a falta de diálogo entre o serviço prestado e o usuário, o que fica evidente na definição de um atendimento que vem barrando o acesso ao tratamento em aspectos mínimos, e até situações mais sérias. Precisamos desmascarar a ideia de crise de AiD\$ associada só a incidência de novos casos, é necessário entender que muitas coisas não funcionam por falta de competência e respeito profissional com as vidas que estão em jogo, devemos repensar a

³ Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS, núcleo RN.

⁴ PVHIV – Pessoa vivendo com HIV

estrutura política e econômica por trás disso tudo, pois a epidemia foi convertida em uma indústria da AiD\$, que com o passar dos anos vem nos dando a falsa sensação de conforto e cuidado, enquanto o sistema do RN e do Brasil vem sendo sucateados e vendidos pouco a pouco para que uma pequena elite tenha controle e o poder sobre os corpos que mais sofrem com a questão (postado em 24 de junho às 18:00)

O fragmento de texto tem um efeito discursivo multifacetado e que entende a “crise de AiD\$”, como bem colocado, numa trama que se aproxima do Pelucio e Miskolci (2009) chamam de “Dispositivo da AIDS”. Semânticas usualmente empregadas por médicos e outros representantes do sistema de saúde, foram apropriados como forma de reivindicação. Estratégia de luta por reconhecimento, resistência e sobrevivência de entes queridos e de si.

Além da ausência de políticas mais eficientes no manejo e organização de sua distribuição, as pessoas que fazem seu tratamento se veem na iminência do acometimento da quebra do tratamento e novo aumento da carga viral. Sem esquecer que quando se estabelece a ruptura no tratamento, as medicações podem não surtir mais efeito, tendo que tomarem outros antirretrovirais com efeitos colaterais mais severos. Nas redes sociais, no tocante a substituição do medicamento lopinavir/ritonavir pelo atazanavir/ritonavir, o perfil do RNP+ Núcleo RN₅ se posiciona:

O pior destas modificações/substituições é além de justificativas com base, principalmente, em questão de economia financeira, nos PVHA'S, não estamos sendo consultados. Nem através de consultas públicas e nem tampouco por meio de colegiados representativos das Redes de Pessoas Vivendo Com HIV/AIDS (me recuso inclusive a usar uma terminologia a qual foi, justificada com base em pesquisa realizada com baixa representatividade). (postado em 17 de julho às 22:17)

Até que ponto o abandono do tratamento, geralmente apontado pelos representantes institucionais estariam vinculados a má-fé do Estado? Questões emergem e as respostas ainda de calam. Na audiência pública, constatei também o uso das histórias de vida. Penso que seriam, no contexto apresentado, estratégia de reconhecimento, de capital simbólico e de estratégia discursiva/emocional no intuito de fomentar a mobilização dos que compunham a audiência quanto às demandas apresentadas. A memória é uma forma de narrativa sobre si e sobre seu grupo, numa tomada de sentidos próprios sobre a experiência da infecção/adoecimento/cronicidade.

Considerações

Antes de tecer aqui algumas considerações sobre o campo, destaco que estas foram elaboradas ainda com o impacto, talvez, de quem deseja compreender e aceitar, a contragosto, as lacunas, as poucas certezas existem no/do campo.

A partir de pesquisa exploratória de produções científicas (artigos, teses e dissertações) em bancos de dados na internet, percebi a ausência trabalhos se apresentem em contexto local ou

⁵ Acesso em: <<https://www.facebook.com/RNP-N%C3%BAcleo-RN-1100393216648446/>> às 17:16 do dia 18/07/2017

mesmo “glocal” sobre a infecção e a vivência das pessoas soropositivas no Rio Grande do Norte noutros formatos que não de caráter sóciodemográfico, biomédico ou epidemiológico. Longe de achar que esta pesquisa é um trabalho realizado por completo, acredito ser um caminho me oferece não apenas uma constelação de trabalhos já publicados sobre a temática, mas também questionamentos sobre os roteiros e escolhas que emergem no contexto dos estudos sobre HIV e AIDS no Brasil.

Referências

FLEISCHER, Soraya; FERREIRA, Jaqueline (orgs.). **Etnografias em serviços de saúde**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2014. 360 p.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Tradução: Martins Fontes Editio, 2ª edição, 2000.

LANGDON, E. J. **Os diálogos da antropologia com a saúde**: contribuições para as políticas públicas. *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso), v. 19, p. 1019-1029, 2014.

LANGDON, E. J.; FOLLER, Maj-Lis; MALUF, Sonia Weidner. **Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais**. *Anuário Antropológico*, v. 2011-12, p. 51-89, 2012.

MARCUS, G. E. **Ethnography in/of the World System**: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, vol.24, 1995, pp. 95-117

PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS**: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro: ABIA, São Paulo: Editora 34, 2000.

PINHEIRO, T. D. **Entre elas**: políticas públicas e cidadania de travestis e mulheres transexuais de uma ONG em Natal/RN (Dissertação) - CCCHLA, UFRN, Natal, 2016.

RODRIGUEZ, D. P. **Will to Live**: Aids Therapies and the Politics of Survival, de João Biehl (Resenha). *Direitos fundamentais & justiça*, v. 4, p. 235-247, 2010.

VÉRAS, R. M. **Práticas institucionais/discursivas acerca dos cuidados com os bebês prematuros e/ou de baixo peso**: o programa canguru. (Tese) - UFRN, Natal, 2010.

VALLE, C. G. O. **Doença, ativismo biossocial e cidadania terapêutica**: a emergência da mobilização de pessoas com HTLV no Brasil. *Vivência*, Natal, n. 41, p. 27-47, 2013.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. **A prevenção do desvio**: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana* n.1, 2009, p.125-157.